



# VI ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA (EREBIO-SUL)

---

## XVI SEMANA ACADÊMICA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



### **AVALIAÇÃO FORMATIVA NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

Kelly Callegaro (UFFS – *Campus* Cerro Largo, Bolsista PETCiências – SESu/MEC)  
Alex Pires de Mattos (UFFS – *Campus* Cerro Largo, Bolsista PETCiências – SESu/MEC)  
Kamila Maria Rudek (UFFS – *Campus* Cerro Largo, Bolsista PIBIDCiências/CAPES)  
Rosângela Ines Matos Uhmman (Departamento de Ciências: Biologia, Física e Química,  
UFFS – *Campus* Cerro Largo).

### **INTRODUÇÃO**

A discussão sobre o tema da avaliação escolar nos leva a fazer os seguintes questionamentos: *se existe articulação no planejamento e execução das ações entre currículo e avaliação escolar? Que alunos devem ser aprovados, em especial no ensino de Ciências? Como planejar as provas e/ou trabalhos extracurriculares? Qual será a reação dos estudantes frente às avaliações de Ciências?*

Essas são perguntas recorrentes que entram em cena quando falamos sobre avaliação escolar, tendo como propósitos a problematização e a compreensão desse importante método no processo de ensino e de aprendizagem numa perspectiva formativa e não meramente instrumental/informativa, tendo em vista o *status* ocupado pelas provas no contexto escolar atualmente. Na concepção de Krasilchik (2004), isso tem assumido um lugar central no processo educativo, o que nos permite associar à predominância do caráter quantitativo que envolve esse instrumento avaliativo, por vezes confundido como sinônimo da totalidade do complexo processo de avaliação escolar.

Neste sentido, fomos instigados durante o Componente Curricular: “Prática de Ensino em Ciências II” e como bolsistas integrados nas escolas, a buscar subsídios teóricos e práticos para identificar e compreender os principais significados assumidos pela avaliação no contexto escolar e, mais especificamente, no ensino de Ciências. Tendo em vista a proposição de reflexões formativas e eficazes acerca da compreensão da prática avaliativa como um aspecto pedagógico, diagnóstico e contínuo, inerente ao trabalho docente na contemporaneidade (LIBÂNEO, 2007). Cabe ressaltar que o referido Componente Curricular está sendo cursado na Graduação em Ciências: Biologia, Física e Química – Licenciatura, oferecido pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Cerro Largo.

A ação avaliativa é intrínseca do sujeito, que desde um simples olhar, submete sobre algo uma avaliação, construindo um ponto de vista sobre um objeto, por exemplo. Essa atitude consciente ou inconscientemente perpetua-se dia após dia, de modo a fazer parte do nosso cotidiano. Não obstante, a avaliação educativa tomada frente à relação professor e aluno requer um sentido diferente, uma amplitude maior. Mas quais são então os constituintes dessa percepção? Que sentido tem as avaliações na atualidade? Que sentido diferente é esse?

### **TRILHANDO CAMINHOS SOBRE A AVALIAÇÃO ESCOLAR**

Para iniciar nossa análise reflexiva partimos da correspondência entre os objetivos elencados no planejamento curricular, na preparação e na escolha dos instrumentos avaliativos. Neste aspecto, corroboramos com Libâneo (2007), ao afirmar que por meio da avaliação, professor e aluno podem estabelecer uma comparação entre os objetivos listados e os resultados obtidos, no intuito de em conjunto constatarem avanços e limitações, reorientando o trabalho e contemplando possíveis correções. O autor também destaca que durante o processo de ensino são tarefas da avaliação: a verificação, a qualificação e a



# VI ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA (EREBIO-SUL)

---

## XVI SEMANA ACADÊMICA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



apreciação qualitativa, considerando-se pelo menos três funções: pedagógico-didática, diagnóstica e de controle. Essas funções atuam de forma interdependente, na qual a função pedagógico-didática está referida aos próprios objetivos do processo de ensino e diretamente vinculada às funções de diagnóstico e de controle. Caso contrário, ficam restringidas à simples tarefa de atribuição de notas e classificação, desconsiderando o caráter complexo, característico do processo de aprendizagem do sujeito.

Seguindo neste contexto, nos apoiamos em Castro (1992, p. 13) quando este diz que “a avaliação não deve ser vista como uma caça aos incompetentes, mas como uma busca de excelência pela organização escolar como um todo”. Nisso, denotamos que uma boa avaliação é aquela que identifica como o aluno é capaz de movimentar-se num campo de estudos ao estimulá-lo, por meio de uma reflexão-ação, a encontrar os caminhos do seu próprio desenvolvimento na (re)construção do conhecimento.

A avaliação escolar é uma temática sobre a qual parece improvável não determos uma concepção, sendo frequentemente alvo de discussões e debates, sobretudo, por reduzir-se, muitas vezes, à função de controle, em que se realiza uma classificação quantitativa dos alunos relativa aos seus desempenhos, expressos pelas notas. Na realidade, parece-nos que muitos professores não têm conseguido adequar os procedimentos de avaliação de modo a atender a sua função educativa, apresentando dificuldade em avaliar de forma adequada o processo de ensino e de aprendizagem, no que diz respeito, a compreensão, a originalidade, a criticidade, a capacidade de estabelecer relações entre fatos e ideias, dentre outros, conforme observações, relatos e conversas informais com alguns professores de Ciências da Educação Básica (EB).

Logo, reconhecemos que o entendimento mais adequado da avaliação escolar numa perspectiva formativa “consiste em considerar a relação mútua entre os aspectos quantitativos e qualitativos” (LIBÂNEO, 2007, p. 199), de modo a consolidar-se como um processo diagnóstico e não meramente classificatório. Lembramos ainda, que a avaliação escolar deve ter um caráter participativo e crítico, podendo assumir-se como um projeto de transformação no contexto escolar.

### **(RE)CONHECENDO A COMPLEXIDADE QUE ENVOLVE A AVALIAÇÃO ESCOLAR**

Refletir acerca da avaliação pode se estabelecer à medida que pretendemos conhecer a realidade da classe escolar, ou ainda, identificar as várias vias de comunicação e relação entre educador e educando, fundamentando-nos no tipo de escola, de currículo e estilo de ensino (CASTRO; CARVALHO, 2001).

Duas vias de comunicação são frequentes ao olhar de Castro e Carvalho (2001), uma delas se refere ao educador como autoridade suprema e o transmissor de conhecimentos aos alunos, então, meros receptores. Neste caso, nos parece que, em geral, os estudantes aceitam pacificamente essa situação sob o entendimento de que quanto melhor o professor souber explicar, tanto mais eles serão capazes de reproduzir o que lhes foi ensinado, obtendo assim respostas corretas e facilitando ao professor a verificação de que os alunos “aprenderam”, numa visão simplista de avaliação escolar.

Em relação à outra via de comunicação, os autores destacam a interação necessária entre educandos e educador como fonte de orientações, a fim de que possa ser construído um legítimo ambiente de aprendizagem recíproca, em que o professor atue como um mediador, facilitador do processo e o aluno, por conseguinte, protagonista de sua aprendizagem. Um



# VI ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA (EREBIO-SUL)

XVI SEMANA ACADÊMICA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



espaço em que ambos, professor e aluno, ensinam e aprendam, viabilizando a efetiva (re)significação do conhecimento, e não a mera transmissão de informações. Parece aqui pertinente trazermos as sábias palavras do memorável Professor Roque Moraes, segundo o qual mediar consiste em “exercitar um acompanhamento permanente do trabalho e pesquisa dos alunos, redirecionando-o sempre que necessário” (MORAES, 2004, p. 19).

Como visto, são os mais diversos debates que emergem da temática avaliação escolar, conduzindo-nos a necessidade de aprofundamento de sua especificidade processual, isto é, a avaliação passa a ser vista como um poderoso instrumento que precisa ser amplamente debatido e compreendido. A começar pelo contexto escolar da EB tendo em vista a inserção desde a formação inicial para acompanhamento e análise crítica das formas avaliativas em contexto universitário, por exemplo, oportunizadas devido bolsistas de diferentes programas que possibilitam a iniciação à docência através da experimentação no ensino de Ciências. Destacamos entre esses, os programas de Educação Tutorial (PETCiências) e o Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBIDCiências), ambos vinculados ao mesmo curso de Graduação já situado.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A escola necessita assumir que as dificuldades de alguns alunos podem ser comuns e que resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e avaliado. Neste sentido, reconhecemos que o processo de avaliação escolar carece de uma atenção especial voltada à busca de uma aprendizagem significativa e qualificada. Além disso, professores com uma visão funcional/tradicional do ensino tendem a rejeitar tudo que possa vigorar como uma ameaça de romper o esquema de trabalho prático e linear que aprenderam a aplicar em suas salas de aula. No entanto, uma intervenção pedagógica passa pelo aperfeiçoamento investigativo ao ensinar e aprender, no qual “é o professor/pesquisador que vê a avaliação como parte do processo e ponto de partida para novas atividades e novas tomadas de rumo em seu programa de trabalho” (MALDANER, 2000, p.30).

Em síntese, a investigação realizada sugere-nos que a realização de atividades avaliativas significativas está atrelada a reflexão – oral, escrita, individual e/ou em grupo – sobre os conteúdos de ensino e o modo como a aprendizagem se desenvolve. Importa assim, entender que a avaliação formativa envolve a subjetividade e a objetividade de forma qualitativa e quantitativa, em que essa mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma avaliação qualitativa. A função exige compreender o alcance das estratégias utilizadas nos diversos níveis de ensino a fim de não comprometer o desenvolvimento dos objetivos curriculares em sala de aula, tomando caminhos divergentes.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. (orgs). **Ensinar a Ensinar**. São Paulo: Pioneira, 2001.
- CASTRO, C. M. **E quem avalia os professores?** Dois pontos. Belo Horizonte, v. II, n. 13, agosto, 1992.
- KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MALDANER, O. A. **Formação Inicial e Continuada de Professores de Química: Professores/Pesquisadores**. Ijuí: Unijuí, 2000.



# VI ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA (EREBIO-SUL)

XVI SEMANA ACADÊMICA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



MORAES, R. Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio: currículos em processo permanente de superação. *In:* MORAES, R. & MANCUSO, R. (orgs). **Educação em Ciências:** produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Unijuí, 2004.